



António Modesto Navarro nasceu em Vila Flor (a Fina Flor de dois dos seus títulos), em 3 de Fevereiro de 1942, um dos onze filhos que tiveram Manuel António Navarro e Idalina Augusta Fernandes Navarro.

Não teve uma infância fácil, trabalhando na oficina de ferrador de seu pai desde os 10 anos até aos 21. Cumpriu o serviço militar como fuzileiro naval (1963-1967), parte dele em Moçambique, durante a guerra colonial. Regressado à Metrópole, dedicou-se à publicidade em duas importantes agências de Lisboa. Em 1975 ingressa no quadro do Ministério da Cultura, de que foi técnico superior principal, encontrando-se ligado de forma especial às áreas da animação, do associativismo e da descentralização, bem como à definição de estratégias de desenvolvimento cultural.

Foi assessor da administração da Sociedade Lisboa 1994 – Capital Europeia da Cultura e do Pelouro da Educação da Câmara Municipal de Lisboa.

Desde muito jovem que, em consonância com a sua inclinação política (militante do Partido Comunista Português desde 1971), se encontra ligado a cooperativas e associações culturais, entre elas a Devir, a Associação Portuguesa de Escritores (de que foi fundador), a Associação do Nordeste Transmontano, a Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro em Lisboa, a Sociedade Voz do Operário (de que é presentemente presidente da Direcção), etc. Participou em incontáveis colóquios, seminários e encontros de diversa índole, e nomeadamente no 3º Congresso da Oposição Democrática de 1973. Desenvolveu intensa actividade política antes e depois do 25 de Abril. É membro da Assembleia Municipal de Lisboa, órgão a que presidiu entre 2003 e 2005. Preside actualmente à Comissão Permanente de Educação, Desporto e Juventude do mesmo órgão.



Ainda em consonância com a sua opção política, faz sempre acompanhar a sua actividade literária de uma atitude permanente de denúncia do regime fascista, o que lhe acarretou a proibição e apreensão de dois livros (História do soldado que não foi condecorado e Emigração e crise no Nordeste Transmontano), assim como a detenção na prisão de Caxias, a 6 de Abril de 1974, experiência de que resultou o livro Prisão e isolamento em Caxias.

A sua actividade literária inicia-se em 1968 com um livro de contos, Libelo acusatório, prefaciado por José Saramago. Publicou até hoje 38 obras, na sua maior parte de ficção (21 romances e 7 livros de contos), 7 de levantamentos sociológicos e reportagens, 2 de poesia e uma recolha de textos de poetas populares alentejanos. Pode assim dizer-se que António Modesto Navarro é de longe o mais fecundo ficcionista do Nordeste Trasmontano. Muitas das suas obras têm por pano de fundo o Nordeste Trasmontano, com a sua falta de perspectivas para os jovens, as difíceis condições de sobrevivência, a prepotência dos ricos e poderosos, as histórias da emigração.

De notar que três dos seus romances (Morte no Tejo, A morte dos anjos e A morte do artista) são de natureza policial, assinados com o pseudónimo de Artur Cortez. Não falta quem o considere o primeiro autor de romances policiais portugueses (no duplo sentido de autor português e de autor de histórias passadas em Portugal). De resto, outras obras (como por exemplo Morte no Douro e O pântano) revelam uma escrita com muitas afinidades com o policial. Assinale-se que a obra policial de Modesto Navarro foi objecto de uma dissertação de licenciatura na Universidade de Birmingham, e que ao seu romance Condenada à morte foi atribuído em 1991 o Prémio Caminho de Literatura Policial. É autor de histórias da série policial Crime à portuguesa, da RTP.

Modesto Navarro pode considerar-se um escritor realista, mas de um “novo período do realismo, na fronteira do inquérito social”, como disse Sottomayor Cardia num artigo destinado à revista Seara Nova, que aliás seria proibido pela censura. Talvez seja isso afinal o “realismo crítico” de que o escritor se reclama. Ou seja: um olhar crítico sobre a realidade, denunciando situações de injustiça, de exploração, de opressão, de miséria, e ao mesmo tempo exprimindo uma confiança cega num porvir de onde sejam definitivamente erradicadas essas situações.

Eis a sua bibliografia principal: Libelo acusatório – contos, 1968 (2.^a edição, 1999); História do soldado que não foi condecorado – contos, 1972 (2.^a edição, 1981); Ir à terra – poemas, 1972; Emigração e crise no Nordeste Transmontano – ensaio e entrevistas, 1973 (2.^a edição, especial, para a Direcção-Geral do Ensino Permanente do Ministério da Educação, 1976); Barões de Fina Flor –





novela, 1974; Prisão e isolamento em Caxias – textos, 1974 (2.^a edição, 2004); Ir à guerra – romance, 1975; País de enquanto – romance, 1975; Perspectivas da libertação no Nordeste Transmontano – textos e entrevistas, 1976; Das árvores mortas à Reforma Agrária – reportagem, 1976; Vida ou morte no Distrito de Viseu – textos e entrevistas, 1976; Retornar – romance, 1976; O Norte cantar a Reforma Agrária – poemas, 1977; Memória Alentejana I - Resistência e Reforma Agrária no Distrito de Évora – textos e entrevistas, 1977; Memória Alentejana II - Resistência e Reforma Agrária no Distrito de Portalegre – textos e entrevistas, 1978; Velha querida – romance, 1978; Fronteira de Abril – contos e textos, 1979; Contos Transmontanos, 1980 (2.^a edição, 1988; 3.^a edição, 1990); Poetas populares alentejanos – recolha, organização e introdução, 1981 (2.^a edição, 1988); Regresso ausente – contos e textos, 1982; Morte no Tejo – romance policial, 1982; A morte dos anjos – romance policial, 1983; A morte do artista – romance policial, 1984; Morte no Douro – romance, 1986 (2.^a edição, 1986); O pântano – romance, 1986; A morte do Pai – romance, 1989; Condenada à morte – romance, 1991; Fina Flor – romance, 1993; Seis mulheres na madrugada – 1995 (2.^a edição, 2002); O emblema leonino – romance, 1996; Histórias do Nordeste – contos, 1996 (2.^a e 3.^a edições, 1997); Aeroporto de Macau – romance, 1999; O deputado – romance, 2002; A meio da ponte – romance, 2003; Lá em cima na montanha – romance, 2003; A insubmissa – romance, 2004; Morte em Vila Flor – romance, 2005; O coração da terra – contos, 2006.

Colaborou regularmente em diversas revistas e jornais, como Seara Nova, Vértice, A Capital, O Diário e Diário de Lisboa, e continua a colaborar em várias publicações. Está representado em várias antologias.

Em António Modesto Navarro encontramos muito poucas referências explícitas a Vila Real. Vila Real é referida na sua obra pouco mais de meia dúzia de vezes e quase sempre exclusivamente para definir limites, melhor caracterizar uma mudança de paisagem ou sistema ou precisar uma localização.

Contudo, num sentido diferente deste, constituindo pois uma exceção, em dois contos de Histórias do Nordeste, Vila Real (como também Bragança) é usada para retratar ou, se quisermos, definir aquilo que a distingue ou distinguiu das demais realidades urbanas de Trás-os-Montes e Alto Douro.



No conto “Velho pesadelo”, José (rapaz elegante que jogava futebol na equipa da terra) “teve” que bater os guarda-redes de Bragança e Vila Real.

No conto “Beatriz”, Jorge Pereira da Cunha, um filho ilegítimo e herdeiro de um rico proprietário em aldeia próxima de Vila Real, “tinha” que alugar uma avioneta (“um pássaro intenso e vermelho”) no aeródromo de Vila Real, para uma das últimas manobras de sedução de uma rica herdeira, filha de uma fidalga de Vila Flor, e fazer um princípio de vida de casado afastado da mulher, gastando a sua fortuna em carros caros, mulheres da noite do Porto e casinos da Póvoa de Varzim e Espinho.

